

**Revista**  
**Brasileira de**  
**Linguística**  
**Antropológica**

Volume 17 – 2025



e-ISSN: 2317-1375

Universidade de Brasília

Reitora

**Rozana Reigota Naves**

Vice-Reitor

**Márcio Muniz de Farias**

Decana de Pesquisa e Inovação

**Renata Aquino**

Diretora do Instituto de Letras

**Gladys Quevedo Camargo**

Vice-Diretora do Instituto de Letras

**Flávia de Oliveira Maia Pires**

Diretora do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI)

**Ana Suelly Arruda Câmara Cabral**

---

R454 Revista Brasileira de Linguística Antropológica / Ana Suelly  
Arruda Câmara Cabral, Editora – v. 17 (2025) – Brasília, DF:  
Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, Instituto de  
Letras, Universidade de Brasília, 2025.

Anual

e-ISSN: 2317-1375

Publicação *on-line*: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/>

1. Linguística antropológica. 2. Línguas e culturas indígenas  
– Américas. 3. Linguística histórica. 4. Tipologia linguística. I.  
Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara.

CDU 81'27

---

<https://periodicos.unb.br/index.php/ling/>

**Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/IL-UnB)**

Endereço: ICC Sul, sala BSS-234, Campus Universitário Darcy Ribeiro

CEP 70900-900, Brasília-DF, Brasil

# Tipologia e Genealogia: fundamentos teórico-metodológicos

Ensaio introdutório à republicação de “Nota sobre o aproveitamento de listas vocabulares para fins de classificação”, de autoria de Aryon Dall’Igná Rodrigues (ms, sem data)

## Typology and Genealogy: Theoretical and Methodological Foundations

Introductory Essay to the republication of “Note on the use of vocabulary lists for classification purposes,” by Aryon Dall’Igná Rodrigues (ms, undated)

Lucas Barbosa de Melo<sup>1</sup>  
ORCID: 0000-0002-8161-6784

DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v17i1.61006>

Recebido em outubro/2025 e aceito em dezembro/2025.

### Resumo

Este artigo traz uma breve discussão sobre um diálogo entre dois dos mais importantes linguistas brasileiros, Mattoso Câmara Jr. e Aryon Dall’Igná Rodrigues. Câmara Jr. considera a tipologia como um caminho metodológico viável e autônomo diante da fragilidade dos dados necessários para uma classificação genética rigorosa (Câmara Jr. 1959), enquanto para Rodrigues, a classificação genética, quando conduzida com rigor, é menos vulnerável a dados parciais do que a classificação tipológica baseada em inferências estruturais dependentes de traduções incertas. Seu argumento central é que o léxico “não cultural” — partes do corpo, fenômenos naturais e numerais — constitui um núcleo estável capaz de fornecer evidência histórica confiável, protegendo o analista de “falsos positivos” tipológicos que podem ser induzidos pelo contato linguístico ou pelo acaso. A resposta de Rodrigues à Mattoso Câmara é uma breve, porém instrutiva nota sobre procedimentos metodológicos a ser aplicado nos estudos linguísticos de línguas indígenas brasileiras.

Palavras-chave: Linguística Histórica; Tipologia; Método Histórico-Comparativo; Léxico-estatística; Línguas indígenas brasileiras.

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal de Brasília (IFB), campus Taguatinga e pesquisador do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (UnB).

## Abstract

This article brings a brief discussion a dialogue between two of the more important Brazilian linguists, Mattoso Câmara Jr. e Aryon Dall'Igna Rodrigues. Câmara Jr. considers Typology as a viable and autonomous methodological path in face of the fragility data necessary required by a rigorous genetic classification. (Câmara Jr. 1959), while as for Rodrigues, a genetic classification, when conducted with rigor, is less vulnerable to partial data than typological classification based on dependent structural interferences dependent on uncertain translations. His central argument is that the “non-cultural” lexicon – body parts, natural phenomena and numerals – constitute a stable nucleon capable of bringing trustable historical evidence, protecting the analyst from typological “false positives” that may be induced by linguistic contact or chance. Rodrigues answer to Câmara Jr. is brief, but instructive about methodological procedures to be applied in the linguistic studies of Brazilian Indigenous languages.

Keywords: Historical Linguistics; Typology; Historical-comparative Method; Lexicostatistic; Brazilian Indigenous languages.

## 1. Introdução

O debate sobre o aproveitamento de listas vocabulares para fins de classificação linguística ocupa um lugar central na historiografia da linguística indígena brasileira. Esse diálogo ganha forma explícita com a publicação, em 1959, do artigo de J. Mattoso Câmara Jr., “Do estudo tipológico em listas de vocábulos indígenas brasileiros”. Nesse texto, Mattoso Câmara enfrenta as limitações documentais das línguas sul-americanas, propondo a tipologia como um caminho metodológico viável e autônomo diante da fragilidade dos dados necessários para uma classificação genética rigorosa (Câmara Junior 1959). É a partir dessa proposição que se estabelece a réplica crítica de Aryon Dall'Igna Rodrigues em sua “Nota sobre o aproveitamento de listas vocabulares para fins de classificação”, cuja republicação este ensaio contextualiza.

## 2. O argumento de Mattoso Câmara Jr. e a resposta de Aryon Dall'Igna Rodrigues

O argumento de Mattoso Câmara Jr. parte do reconhecimento de que a classificação genética exige condições raramente atendidas no contexto amazônico da época: documentação extensa, correspondências fonéticas regulares e análise morfológica sistemática. Inspirado pelo estruturalismo descritivo, Mattoso buscava uma “autonomia da língua no presente”, argumentando que mesmo listas imperfeitas poderiam fornecer informações estruturais relevantes sobre fonologia e semântica.

A resposta de Aryon Rodrigues, contudo, estabelece uma tensão produtiva ao buscar a “profundidade do tempo”. Rodrigues defende nesta breve nota que o rigor da Linguística Histórico-Comparativa e a aplicação criteriosa do método léxico-estatístico não são exclusivos da genealogia linguística; ao contrário, constituem ferramentas fundamentais que podem contribuir tanto para as sínteses dos generalistas quanto para o refinamento dos estudos tipológicos. Para Rodrigues, a classificação genética, quando conduzida com rigor, é menos vulnerável a dados parciais do que a classificação tipológica baseada em inferências estruturais dependentes de traduções incertas. Seu argumento central é que o léxico “não cultural” — partes do corpo, fenômenos naturais e numerais — constitui um núcleo estável capaz de fornecer evidência histórica confiável, protegendo o analista de “falsos positivos” tipológicos que podem ser induzidos pelo contato linguístico ou pelo acaso.

### 3. Discussão

A posição teórica de Rodrigues está associada a recomendações metodológicas que conferem à nota de Rodrigues um caráter perene: a exigência de crítica sistemática da autenticidade do dado, a cautela no uso de registros de terceiros e a atenção às variáveis de erro introduzidas pela notação fonética impressionista do coletor. Aryon enfatiza que categorias gramaticais recorrentes devem reforçar as evidências lexicais, articulando descrição estrutural e explicação histórica de forma indissociável.

O impacto dessa reflexão consolidou-se em instrumentos fundamentais para a linguística de campo nas décadas seguintes. Um exemplo decisivo é o conceito de *diagnostic vocabulary* sistematizado no âmbito do *South American Indian Languages Documentation Project* (SAILDP), desenvolvido por Rodrigues em colaboração com Brent Berlin, Terrence Kaufman e Neusa Carson (Berlin et al. 1986). Esse projeto operacionalizou os princípios defendidos por Aryon desde 1959, oferecendo um guia técnico que prioriza itens lexicais e categorias gramaticais historicamente informativos para a comparação genética.

A eficácia dessa abordagem é confirmada por aplicações empíricas concretas. Se o caso do Cinta Larga demonstra a viabilidade da classificação genética com dados limitados — permitindo a Rodrigues (1966) estabelecer com segurança sua filiação à família Mondé —, o tratamento do tronco linguístico Tupí (Rodrigues 1964) revela a aplicação desses mesmos princípios em cenários de maior complexidade documental. Em ambos os casos, a solidez das hipóteses de Rodrigues, confirmadas por estudos posteriores, evidencia que o rigor metodológico pode suprir a escassez

quantitativa de dados. No caso do Tupinambá, embora a abundância de fontes missionárias permitisse ir além das listas, Rodrigues manteve a mesma disciplina: centralidade do léxico básico e articulação constante entre morfologia e história.

A republicação desta Nota<sup>2</sup> é, portanto, a recuperação de um texto metodologicamente atual. O diálogo entre Mattoso Câmara Jr. e Aryon Rodrigues não representa uma oposição excludente entre tipologia e genealogia, mas o amadurecimento de uma ciência que compreende suas limitações. Em um cenário de renovada urgência documental, inserido na Década Internacional das Línguas Indígenas (UNESCO, 2022-2032), retornar a este texto é reafirmar um compromisso ético e epistemológico com a história profunda dos povos originários. A lição de Aryon permanece válida: o rigor do método histórico-comparativo é a salvaguarda necessária para que generalistas e especialistas transformem listas de palavras em conhecimento científico robusto.

#### **4. Nota sobre o aproveitamento de listas vocabulares para fins de classificação.<sup>3</sup>**

Aryon Dall’igna Rodrigues

Recentemente procurou Câmara Jr. [J. Mattoso Câmara Jr., “Do estudo tipológico em listas de vocábulos indígenas brasileiros”, Rev. de Antrop. 7.23-30, 1959] evidenciar a precariedade das listas de vocábulos, que constituem quase a única espécie de material disponível sobre a maioria das línguas brasileiras, para o empreendimento de classificação genética dos idiomas, ao mesmo tempo em que ensaiou uma demonstração de como se pode aproveitar essas mesmas listas mais adequadamente para obter elementos para classificações tipológicas. De um modo geral não se pode discordar do que diz Câmara Jr., mas em particular na oportunidade para algumas observações respeitantes tanto à classificação genética quanto à tipológica. De fato, parece-nos que o Autor, por um lado, subestima as

<sup>2</sup> Apesar de buscas exaustivas, este texto não foi localizado nas principais bases de dados digitais especializadas, como a Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, nem consta explicitamente na listagem de publicações do Currículo Lattes do autor. A presente edição foi estabelecida a partir de um documento impresso e datilografado pertencente ao acervo pessoal do professor, atualmente sob a guarda e os cuidados do Instituto Aryon Dall’Igná Rodrigues.

<sup>3</sup> Os diretores da RBLA optaram por atualizar a grafia do texto original para as normas vigentes da língua portuguesa (ex.: *pôde* para **pode**; *côlher* para **colher**), visando conferir maior fluidez e facilidade de leitura ao público contemporâneo. Ressalta-se que tais ajustes limitam-se à ortografia, preservando-se integralmente a sintaxe, o vocabulário e a estrutura argumentativa do autor.

possibilidades oferecidas por tais listas ao genealogista e, por outro lado, sobre-estima as que se oferecem ao tipologista.

As principais deficiências que apresentam listas de vocábulos tais como as que constituem a grande parte do material existente sobre as línguas dos índios brasileiros, são as seguintes: a) contêm número de palavras muito limitado; b) contêm nenhum ou quase nenhum material fraseológico; c) são registradas impressionisticamente, com base nos hábitos linguísticos e gráficos do coletor, o qual não dispõe de conhecimentos especializados que lhe permitam fazer registro mais objetivo do material sonoro; d) contêm frequentemente erros de interpretação (tradução) devidos às circunstâncias desfavoráveis em que são registrados (pouco tempo, falta de meio de comunicação comum ao coletor e seu informante, ou domínio imperfeito desse meio por um dos dois, etc.).

As duas primeiras são deficiências de natureza quantitativa e restringem mais ou menos igualmente – tanto as possibilidades de classificação genealógica como as de classificação tipológica. Se a brevidade da lista é extrema – duas ou três palavras –, praticamente nada há a fazer nem num, nem noutro sentido. Uma lista de umas poucas dezenas de vocábulos já pode, entretanto, com frequência servir para a identificação da respectiva língua como pertencente a um determinado grupo genético (tronco, família ou subfamília). Isto é possível sobretudo quando uma boa parte da lista é constituída por vocábulos dos ditos “não culturais” (designativos de elementos da natureza, partes do corpo, ações e estados humanos primários, pronomes pessoais, numerais), os quais, no caso de concordância com os de outra língua, indicam com probabilidade bastante alta a existência de parentesco genético. O material puramente lexical, manipulado com a devida cautela, proporciona agrupamentos de natureza genealógica, que – segundo a experiência tida até agora –, salvo casos especialíssimos, tendem a ser confirmados por um material mais amplo e de melhor qualidade, quando este se torna acessível. Quanto aos elementos de natureza estrutural, que se podem colher numa lista de vocábulos para efeito de classificação tipológica, a que se refere Câmara Jr., também podem ser aproveitados para a classificação genética, pois podem reforçar a evidência de parentesco obtida com a comparação lexical.

As duas deficiências mencionadas por último são de natureza qualitativa. Os erros de interpretação são mais perigosos para o genealogista, mas também podem prejudicar o trabalho de tipologista, sobretudo quando se trata de investigar relações semânticas, [como sugere Câmara Jr.]. Se, p. ex., numa lista de palavras curta e feita sob circunstâncias pouco favoráveis, ocorre a mesma palavra como tradução dos conceitos de “preto” e “azul”, não se pode, sem mais, verificar se realmente a língua em questão classifica

“preto” e “azul”.

Quando, p. ex., numa lista de curta e feita sob circunstâncias pouco favoráveis, encontra-se “preto” traduzido por X, e azul também por X, deve-se considerar duas possibilidades, a de que as traduções estejam certas e a de que estejam erradas. Se tivéssemos a possibilidade de verificar que estão certas, poderíamos ficar sabendo que a língua em questão sobre os nossos conceitos de “preto” e “azul” com um só termo X, constituindo esta uma característica de sua classificação das cores. Mas, não havendo elementos para verificar a correção das traduções, temos de considerar a outra possibilidade, a de que as traduções (ou uma delas) estejam erradas, com o que ficam abertas, entre outras, as seguintes questões: a) é possível que, ao pedir-se ao índio a tradução de “azul”, ele tenta entendido “preto” (ou vice-versa), de modo que X significa só “preto” (ou só “azul”); b) é possível que só “azul escuro” seja designado pelo mesmo termo X, que designa “preto”, ao passo que haverá um termo Y, não documentado, que designa “azul claro”.

## Algumas considerações finais

Para Rodrigues, em ordem de se obter resultado válidos a partir de fontes precárias, é necessário, evidentemente, proceder-se com cautela, entretanto considerando que “para a maioria das línguas indígenas brasileiras não há mais possibilidade de fazer-se documentação adequada, impõe-nos, entretanto, a necessidade de procurar aproveitar ao máximo as informações acumuladas até o presente, por mais que sejam.” (Rodrigues 1963:14).

## Referências

- Berlin, Brent, Terrence Kaufman, Neusa Carson, e Aryon Rodrigues. 1986. Diagnostic vocabulary. In: *Projeto de Documentação das Línguas Indígenas da América do Sul (SAILDP)*. Berkeley: University of California; Campinas: Unicamp.
- Camara Junior, J. M. 1959. Do estudo tipológico em listas de vocábulos indígenas brasileiros. *Revista De Antropologia* 7 (1-2): 23-30. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1959.110389>.
- Rodrigues, Aryon D. 1963. Os Estudos lingüísticos indígenas No Brasil. *Revista De Antropologia* 11 (1-2): 9-21. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1963.110676>.
- Rodrigues, Aryon Dall'igna. 1964. A classificação do tronco lingüístico Tupí. *Revista De Antropologia* 12 (1-2): 99-104. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1964.110677>.

0892.ra.1964.110739.

Rodrigues, Aryon Dall'igna. 1966. Classificação da língua dos Cinta-Larga. *Revista de Antropologia* 14: 27-30. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1966.110754>.